

Febre romana

Edith Warton

Duas senhoras americanas de meia-idade madura mas bem cuidada ergueram-se da mesa onde tinham estado a almoçar, atravessaram a varanda alta do restaurante romano e, debruçando-se sobre o parapeito, olharam, primeiro, uma para a outra e, em seguida, para baixo, para as glórias espaiadas do Palatino e do Fórum com a mesma expressão de concordância vaga, mas benevolente.

Ao mesmo tempo que ali se debruçavam, uma voz amenizada, vinda das escadas que davam para o pátio, em baixo, ecoou com alegria. «Bem, anda, então», gritou, não para elas mas para uma companhia invisível, «e deixemos as jovens entregues ao seu tricô», e uma voz igualmente fresca riu por sua vez: «Oh, Babs, olha lá, não é bem a tricotar ... » «Bem, em sentido figurado, quero eu dizer», replicou a primeira. «Afinal de contas, não deixámos às nossas pobres mães muito mais que fazer...» Naquele ponto a curva das escadas silenciou o diálogo.

As duas senhoras voltaram a olhar uma para a outra, desta vez com um laivo de embaraço sorridente, e a mais pequena e pálida abanou a cabeça, corando ao de leve.

– Barbara! – murmurou, dirigindo uma repreensão à voz trocista da escadaria que a não ouviu.

A outra senhora, que era mais cheia e morena, com um nariz pequeno e decidido suportado por sobranceiras negras e vigorosas soltou uma gargalhada bem-disposta.

– É o que as nossas filhas pensam de nós.

A companheira respondeu com um gesto desaprovador.

– Não de nós individualmente. É preciso não esquecer isso. Trata-se apenas da ideia colectiva moderna acerca das Mães. E, estás a ver... – Algo culpada retirou da carteira preta, estruturada com elegância uma meada de seda carmesim com duas agulhas finas de tricotar espetadas. – Nunca se sabe – murmurou. – É certo que o novo sistema nos deixou bastante tempo para matar. E, por vezes, fico cansada só de olhar... até para isto. – O gesto dela dirigia-se, agora, para o cenário estupendo aos pés de ambas.

A senhora de tez mais escura soltou de novo uma gargalhada e o olhar de ambas recaiu sobre o panorama, contemplando-o em silêncio com uma espécie de serenidade difusa que podia ter sido um empréstimo do resplendor primaveril dos céus romanos. A hora de almoço passara há muito e as duas tinham aquela extremidade da varanda ampla por sua com. No extremo oposto, alguns grupos que um olhar lânguido sobre a cidade espaiada retinha, juntavam roteiros, tacteando à procura de sugestões. Os últimos dispersaram, ficando as duas senhoras sozinhas nas alturas varridas pelo ar.

– Bem, não vejo porque não havemos, simplesmente, de ficar aqui – disse Mrs. Slade, a senhora morena de sobranceiras enérgicas. Empurrou duas cadeiras de verga abandonadas que ali estavam por perto para o canto do parapeito e instalou-se numa delas, a fitar o Palatino. – Afinal, ainda é a

vista mais bonita do mundo.

– Sempre será, para mim – anuiu a amiga, Mrs. Ansley, acentuando tão pouco o «mim» que Mrs. Slade, embora reparando, pensou se não teria sido meramente acidental, tal como os sublinhados fortuitos dos escritores epistolares antiquados.

«A Grace Ansley sempre foi antiquada», pensou, acrescentando em voz alta com um sorriso retrospectivo:

– Uma vista que nos é familiar a ambas há muitos e bons anos. A primeira vez que nos encontramos aqui éramos mais novas que a nossas filhas são hoje. Tu lembras-te!

– Oh, sim, lembro-me – murmurou Mrs. Ansley com a mesma acentuação indefinível. – Ali está aquele empregado a cismar – interpolou. Era, à evidência, muito menos segura de si própria e dos seus direitos no mundo que a companheira.

– Eu trato-lhe da cisma – disse Mrs. Slade, estendendo a mão para uma carteira de aparência tão discretamente opulenta quanto a da Mrs. Ansley. Fazendo sinal ao empregado, explicou que ela e a amiga eram antigas apaixonadas por Roma, e que gostariam de passar o final da tarde a apreciar a vista ... isto é, se tal não perturbasse o serviço! O empregado, curvando-se à gorjeta dela, garantiu-lhe que as senhoras eram muito bem-vindas e que ainda o seriam mais se condescendessem em permanecer para o jantar. Uma noite de lua cheia, recordar-se-iam...

As sobancelhas negras de Mrs. Slade aproximaram-se, como se as referências à lua fossem despropositadas e, até, mal vistas.

– Bem, porque não! Podia dar-nos para pior. Suponho que não haverá maneira de saber quando as meninas estarão de volta. Por acaso sabes aonde foram? Eu não!

Mrs. Ansley voltou a corar ligeiramente.

– Acho que aqueles jovens aviadores italianos com quem nos cruzámos na Embaixada as convidaram a ir de avião a Tarquínia, lanchar. Suponho que quererão esperar para fazer a viagem de regresso ao luar.

– O luar ... o luar! Como desempenha ainda um papel importante. Achas que elas são tão sentimentais como nós éramos?

– Cheguei à conclusão que não sei minimamente o que são – disse Mrs. Ansley. – E talvez nós não soubéssemos muito mais acerca uma da outra.

– Não, talvez não soubéssemos.

A amiga lançou-lhe um olhar tímido.

– Nunca teria imaginado que eras sentimental, Alida.

– Bem, se calhar não era. – Mrs. Slade cerrou as pálpebras em retrospectiva e, por alguns instantes, ambas as senhoras, íntimas desde a infância, reflectiram sobre o pouco que se conheciam uma à outra. Cada qual, claro, tinha uma etiqueta pronta para atar ao nome da outra. Mrs. Delphin

Slade, por exemplo, teria dito a si própria ou a qualquer um que lhe perguntasse, que há vinte e cinco anos Mrs. Horace Ansley fora de uma beleza admirável... não, parece incrível, não é! Embora, claro, ainda fosse encantadora, distinta... Bem, em jovem tinha sido lindíssima. Muito mais bonita que a filha, a Barbara, embora, decerto, a Babs, de qualquer modo, segundo os novos padrões, fosse mais vistosa: tivesse mais garra, tal como se diz. Curioso, onde fora buscá-la, com aquelas duas nulidades como pais. Sim, o Horace Ansley era... bem, a simples réplica da mulher. Espécimes de museu da velha Nova Iorque. Bem-parecidos, irrepreensíveis, exemplares. Mrs. Slade e Mrs. Ansley tinham vivido de frente uma da outra (tanto na realidade como em sentido figurado) durante anos. Sempre que se renovavam os cortinados da sala de estar do n.º 20 da Rua Setenta e Três Este, o n.º 23, no outro lado da rua, dava por isso. E por todas as mudanças, aquisições, viagens, aniversários, doenças... a crónica mansa de um par estimável. Pouco escapara a Mrs. Slade. Mas já estava farta por altura em que o marido dera o seu golpe audacioso na bolsa de Wall Street e aquando da compra de casa na Avenida do Parque Norte já começara a pensar: «Preferia viver em frente de um bar clandestino, para variar. Pelo menos poderia assistir-se a uma rusga.» A ideia de Grace ser alvo de uma rusga era tão divertida que a lançou (antes da mudança) num almoço de senhoras. Fez sucesso e correu pela sociedade: por vezes interrogava-se se teria atravessado a rua, chegando aos ouvidos de Mrs. Ansley. Esperava que não, mas pouco lhe importava. Naquela época a respeitabilidade pouco valia e aos irrepreensíveis não fazia mal que se risse um pouco deles.

Alguns anos mais tarde e com poucos meses de diferença, ambas as senhoras perderam os maridos. Houve uma troca adequada de coroas de flores e condolências, bem como um breve renovar de intimidade na semi-escuridão do luto. E, agora, após outro intervalo, tinham-se cruzado em Roma, no mesmo hotel, cada uma qual apêndice modesto de uma filha saliente. A similitude das suas sortes aproximara-as mais uma vez, prestando-se a gracejos ligeiros e à confissão recíproca que se nos velhos tempos devia ser cansativo «acompanhar o ritmo» das filhas agora, por vezes, era um pouco aborrecido não o fazer.

Sem dúvida, reflectia Mrs. Slade, que a pobre Grace jamais sentiria a desocupação tanto como ela. Era uma grande quebra passar de mulher de Delphin Slade a sua viúva. Sempre se achara (com um certo orgulho conjugal) sua equivalente em dotes sociais, dando o seu pleno contributo para a feitura do par extraordinário que eram. Mas, após a morte dele, a diferença era irremediável. Enquanto fora a mulher do famoso advogado comercialista, sempre com um ou dois casos internacionais em mãos, todos os dias eram acompanhados da sua obrigação excitante e inesperada: receber de improviso colegas eminentes vindos do estrangeiro, viagens de trabalho súbitas e apressadas a Londres, Paris ou Roma, onde os acolhiam com uma reciprocidade tão elegante, o deleite de ouvir à sua passagem: «O quê, esta senhora elegante e bem vestida, com aqueles olhos é Mrs. Slade... a mulher do próprio Slade! A sério! As mulheres das celebridades costumam ser cá

umas frangalheiras.»

Sim, depois disso, ser a viúva de Slade era algo monótono. Empenhara todas as faculdades para viver à altura de semelhante marido. Agora tinha apenas a filha em função de quem viver, pois o filho que parecia ter herdado as qualidades do pai, morrera, de súbito, na infância. Conseguira ultrapassar tal sofrimento, pois tivera o marido a quem ajudar e a ajudar. Agora, após a morte do pai, tornara-se insuportável pensar no rapaz. Restava-lhe, apenas, olhar pela filha. E a querida da Jenny era uma filha tão perfeita que não precisava de cuidados maternos excessivos. «Agora, com a Babs Ansley não sei se estaria tão tranquila», reflectia, por vezes, Mrs. Slade com um pouco de ciúme. Mas Jenny, mais nova que a sua amiga radiosa, era um daqueles acidentes raros, uma rapariga de beleza extraordinária que, de cerra forma, fazia com que a juventude e a beleza parecessem tão seguras quanto a sua ausência. Tudo era uma perplexidade ... e, para Mrs. Slade, um pouco enfastante. Desejava que Jenny se apaixonasse, até mesmo pelo homem errado, que exigisse cuidados, contramanobras, salvação. Mas, ao invés, era Jenny quem cuidava da mãe, a mantinha fora das correntes de ar, se certificava que tomara o tónico ...

A capacidade de expressão de Mrs. Ansley era muito inferior à da amiga e o seu retrato mental de Mrs. Slade era mais ligeiro e esboçado com traços mais ténues. «A Alida Slade é muitíssimo brilhante, mas não tanto quanto se julga», tê-lo-ia resumido, embora, a fim de esclarecer os estranhos, acrescentasse que Mrs. Slade fora uma jovem extremamente viva. Muito mais que a filha que, claro, era bonita e, de cena forma, esperta mas não tinha, bem... a «desenvoltura» da mãe, tal como alguém lhe chamara. Mrs. Ansley pegava em palavras correntes tal como esta e citava-as entre aspas, como se fossem audácias inéditas. Não. Jenny não era parecida com a mãe. Mrs. Ansley achava, por vezes, que Alida Slade estava desiludida. No geral, tivera uma vida triste. Repleta de fracassos e erros. Mrs. Ansley sempre tivera alguma pena dela...

Assim se visualizavam reciprocamente estas duas senhoras, cada qual através da extremidade errada do seu pequeno telescópio.

II

Permaneceram sentadas ao lado uma da outra durante muito tempo sem falar. Parecia que, para ambas, era um alívio pôr de lado as suas actividades algo fúteis na presença do vasto Memento Mori diante delas. Mrs. Slade, quase imóvel, estava sentada com o olhar fixo na encosta dourada do Palácio dos Césares e, após alguns instantes, Mrs. Ansley parou de remexer na carteira, entregando-se, também ela, à meditação. Tal como muitos amigos íntimos, as duas senhoras nunca haviam tido oportunidade de estar juntas em silêncio e Mrs. Ansley estava um pouco embaraçada com o que, após tantos anos, parecia um novo estádio de intimidade entre elas, com o qual ainda não sabia

lidar.

A atmosfera, de súbito, encheu-se daquele repicar de sinos que, periodicamente, cobre Roma com um telhado de prata. Mrs. Slade espreitou o relógio de pulso.

– Já são cinco horas – afirmou, como se estivesse surpreendida.

Mrs. Ansley sugeriu de forma inquiridora:

– Há um jogo de *bridge* às cinco horas na Embaixada. – Durante muito tempo Mrs. Slade não respondeu. Parecia estar absorta na sua contemplação e Mrs. Ansley julgou que o comentário lhe escapara. Mas, após um momento, como se envolta num sonho, disse:

– *Bridge*, disseste tu! Só se quiseres... Mas eu acho que não vou, sabes.

– Oh, não – apressou-se Mrs. Ansley a garantir-lhe.

– Não me faz qualquer diferença. Está tão agradável aqui e, tal como dizes, tão cheio de velhas recordações. – Acomodou-se na cadeira e, quase furtivamente, tirou a malha para fora. Mrs. Slade tomou nota de soslaio desta actividade, mas as suas próprias mãos, de uma beleza bem cuidada, permaneceram imóveis sobre o joelho.

– Estava só a pensar – disse com lentidão – como são diferentes as coisas que Roma representa para cada geração de viajantes. Para as nossas avós era a febre romana. Para as nossas mães eram os perigos sentimentais (como costumavam vigiar-nos!), para as nossas filhas não oferece mais riscos que o centro da Rua Principal. Elas não sabem, mas estão a perder tanto!

A luz dourada e longa começava a empalidecer, e Mrs. Ansley ergueu o tricô aproximando-o mais dos olhos.

– Sim, quanto nos vigiavam.

– Eu costumava sempre pensar – continuou Mrs. Slade – que as nossas mães tinham uma tarefa muito mais difícil que as nossas avós. Quando a febre romana grassava nas ruas devia ser fácil, comparativamente, manter as raparigas recolhidas à hora do perigo. Mas quando tu e eu éramos novas, com tanta beleza a chamar por nós e o picante da desobediência à mistura, sem perigo de maior além de apanhar frio durante a hora em que arrefece a seguir ao pôr-do-sol, as mães costumavam ter muita dificuldade em manter-nos dentro de casa, não era!

Virou-se de novo para Mrs. Ansley, mas esta chegara a um ponto difícil do seu tricô.

– Uma, duas, três ... passa duas. Sim, deviam ter – assentiu sem erguer o olhar.

O olhar de Mrs. Slade pousou sobre ela com uma atenção mais concentrada. «Ela consegue fazer malha... diante disto! É mesmo dela... »

Mrs. Slade inclinou-se para trás, a reflectir, o olhar abarcando desde as ruínas, à sua frente, até à concavidade longa e verde do Fórum, ao brilho que, mais atrás, esmaecia nos frontispícios das igrejas e à imensidão afastada do Coliseu. De súbito, pensou: «Está muito certo dizer que as nossas filhas dispensam os sentimentos e o luar. Mas se a Babs Ansley não anda atrás daquele jovem

aviador (o que é Marchese) então não sei nada. E a Jenny, ao lado dela, não tem hipótese. Também sei disso. Será essa a razão por que a Grace Ansley gosta que as duas raparigas vão juntas para todo o lado! A minha pobre Jenny, a servir de termo de comparação... !» Mrs. Slade soltou uma gargalhada quase imperceptível e, ante o ruído, Mrs. Ansley pôs o tricô em baixo.

- Sim... ?

- Eu... oh, nada. Estava só a pensar na tua Babs, como ela leva tudo na frente. Aquele rapaz, o Campolieri, é um dos melhores partidos de Roma. Não faças um ar tão inocente, minha querida... sabes que é. E estava a pensar, com todo o respeito, bem entendido... a pensar como duas personagens tão exemplares tal como tu e o Horace conseguiram gerar algo assim tão dinâmico. Mrs. Slade riu de novo, com um toque de aspereza.

As mãos de Mrs. Ansley repousavam, inertes, sobre as agulhas. Olhou directamente para os grandes e acumulados escombros de paixão e esplendor, grandiosos e acumulados, a seus pés. Mas o seu pequeno perfil era quase inexpressivo. Por fim, disse:

- Acho que sobrestimas a Babs, minha querida.

O tom da Mrs. Slade tomou-se mais ligeiro.

- Não, não sobrestimo. Eu aprecio-a. E, se calhar, invejo-te. Oh, a minha filha é perfeita. Se eu fosse uma inválida crónica, eu... bem, acho que preferia estar nas mãos da Jenny. Deve haver alturas... mas pronto! Eu sempre quis ter uma filha radiosa... e nunca percebi bem porque, em vez disso, tive um anjo.

Mrs. Ansley, num murmúrio ténue, fez eco da gargalhada da amiga. - A Babs também é um anjo.

- Com certeza... com certeza! Mas tem asas de arco-íris. Bem, elas estão a passear à beira-mar com os seus rapazes. E nós aqui sentadas... e tudo isto faz lembrar o passado um pouco intensamente de mais.

Mrs. Ansley retomara o tricô. Era quase possível imaginar (quem não a conhecesse tão bem, reflectia Mrs. Slade) que, também para ela, das sombras que se afilavam daquelas augustas ruínas, emergiam demasiadas recordações. Mas não, estava apenas absorta no seu trabalho. Nada tinha com que se preocupar! Sabia que Babs, quase de certeza, voltaria noiva do excelente partido que era Campolieri. (E depois vende a casa de Nova Iorque, instala-se ao pé deles em Roma e nunca seria um empecilho... tem demasiado tacto. Mas terá um cozinheiro excelente, as pessoas certas para jogos de *bridge* e *cocktails*... e uma velhice perfeitamente tranquila rodeada dos netos.»

Mrs. Slade interrompeu essa divagação profética com um gesto de repulsa por si própria. Grace Ansley era a última pessoa de quem tinha o direito de pensar mal. Alguma vez se curaria da inveja que nutria por ela! Se calhar começara há demasiado tempo.

Ergueu-se e encostou-se ao parapeito, enchendo os olhos perturbados com a magia

tranquilizadora daquela hora. Mas, em vez de a apaziguar, a vista parecia empolar-lhe a exasperação. Dirigiu o olhar para o Coliseu. Já o seu flanco dourado estava imerso numa sombra roxa e, acima dele, o céu, desprovido de luz ou cor, curvava-se com uma limpidez cristalina. Era o momento em que tarde e noite se equilibravam no meio dos céus.

Mrs. Slade virou-se para trás, pousando a mão no braço da amiga. O gesto foi tão abrupto que Mrs. Ansley ergueu o olhar, assustada.

– O sol pôs-se. Não tens medo, minha querida?

– Medo... ?

– Da febre romana ou da pneumonia! Lembro-me como estiveste doente naquele Inverno. Em nova tinhas uma garganta muito sensível, não era?

– Oh, estamos muito bem aqui em cima. Lá em baixo, no Fórum, de súbito arrefece mortalmente... mas aqui não.

– Ah, tu sabes, claro, porque tinhas de ter muito cuidado. – Mrs. Slade voltou-se outra vez para o parapeito. Pensou: «Tenho que fazer mais um esforço para não a odiar.» Em voz alta disse: – Sempre que olho para o Fórum daqui de cima lembro-me daquela história de uma tia-avó tua, não era? Uma tia-avó de uma malvadez sinistra?

– Oh, sim. A tia-avó Harriet. A que, supostamente, terá mandado a irmã mais nova ao Fórum, depois do pôr-do-sol, apanhar uma flor das que abrem à noite, para o álbum dela. Era hábito todas as nossas avós e tias-avós terem álbuns de flores secas.

Mrs. Slade fez um gesto de concordância.

– Mas, na verdade, ela mandou-a lá porque estavam apaixonadas pelo mesmo homem...

– Bem, essa era a tradição da família. Dizem que a tia Harriet o confessou anos depois. De qualquer maneira, a pobre da irmã mais nova contraiu a febre e morreu. A mãe costumava meter-nos medo com essa história quando éramos pequenos.

– E tu assustaste-me com ela, naquele Inverno em que ambas cá estivemos em novas. No Inverno em que em fiquei noiva do Delphin.

Mrs. Ansley soltou uma leve gargalhada.

– Oh, a sério! Assustei-te mesmo? Não acredito que te amedrontes com facilidade.

– Não costumo, mas naquela altura, sim. Amedrontava-me com facilidade porque estava demasiado feliz. Porventura saberás o que isso significa?

– Eu... sim... – hesitou Mrs. Ansley.

– Bem, suponho que foi por isso que a história da tua tia malvada me impressionou tanto. E pensei: «Já não há febre romana, mas arrefece mortalmente no Fórum depois do pôr-do-sol... sobretudo após um dia de calor. E o Coliseu é ainda mais frio e húmido.»

– O Coliseu... ?

– Sim. Não era fácil entrar depois de trancarem os portões à noite. Estava longe de ser fácil. Mesmo assim, naquela altura conseguia-se. Consequia-se muitas vezes. Os amantes que não podiam estar juntos em mais lugar nenhum encontravam-se lá. Sabias disso?

– Eu... eu possivelmente. Não me lembro.

– Não te lembras? Não te lembras de numa noite, mesmo a seguir ao anoitecer, ires visitar umas ruínas ou outras e apanhar um golpe de frio! Terias, supostamente, ido ver o nascer da lua. As pessoas sempre disseram que a tua doença se devera a tal expedição.

Fez-se um momento de silêncio. Em seguida Mrs. Ansley replicou:

– Disseram? Foi tudo há tanto tempo.

– Sim. E puseste-te outra vez boa... por isso não teve importância. Mas eu imagino que os teus amigos calculassem... a explicação que deram para a tua doença. Quero dizer... porque toda a gente sabia o quanto eras cautelosa com a garganta e a tua mãe tinha tantos cuidados contigo... Na verdade, tinhas ido passear pela cidade até tarde, não tinhas, naquela noite?

– Se calhar tinha. As raparigas mais cautelosas nem sempre o são. Porque te lembraste disso agora?

Mrs. Slade parecia não ter qualquer resposta pronta.

Mas, após um instante, explodiu:

– Porque, simplesmente, não consigo suportar mais...

Mrs. Ansley ergueu a cabeça com rapidez. Arregalava os olhos, que apresentavam uma cor desmaiada.

– Não consegues suportar o quê?

– Bem... o facto de não saberes que eu sempre soube porque foste.

– Porque fui... ?

– Sim. Achas que estou a fazer *bluff*: não é? Bem, foste encontrar-te com o homem de quem eu estava noiva... e posso repetir-te cada palavra da carta que te fez ir lá.

Enquanto Mrs. Slade falava, Mrs. Ansley erguera-se, hesitante. A carteira, o tricô e as luvas deslizaram para o chão num amontoado acometido de pânico. Olhou para Mrs. Slade como se estivesse a ver um fantasma.

– Não... não repitas – tartamudeou.

– Porque não? Se não acreditas em mim, ouve. «Meu único amor, as coisas não podem continuar assim. Tenho que me encontrar contigo a sós. Vem ao Coliseu amanhã, imediatamente após anoitecer. Estará lá uma pessoa para te abrir a porta. Ninguém de quem possas recear desconfiará»... mas talvez tenhas esquecido o que a carta dizia?

Mrs. Ansley aceitou o desafio com uma compostura inesperada. Apoiando-se na cadeira, olhou para a amiga e respondeu:

– Não. Eu também a sei de cor.

– E a assinatura? «Teu só, D. S.» Era isso? Estou certa, não estou? Foi essa a carta que te fez sair naquela noite depois de escurecer?

Mrs. Ansley ainda estava a olhar para ela. Pareceu a Mrs. Slade que por detrás da máscara do seu rosto pequeno e tranquilo, controlada por força da vontade, se travava uma luta vagarosa. «Não imaginava que ela tivesse tanto autodomínio», reflectiu Mrs. Slade, quase com rancor. Mas nesse instante Mrs. Ansley falou.

– Não sei como tiveste conhecimento. Queimei aquela carta de imediato.

– Sim. Era natural que o fizesses... és tão cautelosa! – Escarnecia, agora, abertamente. – E, se queimaste a carta, estás agora a pensar como diabo sei eu o que tinha escrito. É isso, não é?

Mrs. Slade aguardou, mas Mrs. Ansley nada disse.

– Bem, minha cara, eu sei o que a carta dizia porque fui eu que a escrevi!

– Escreveste-a?

– Sim.

As duas mulheres detiveram-se um minuto de pé, a olhar uma para outra à luz dourada, derradeira. Então Mrs. Ansley deixou-se cair outra vez no assento. – Oh – murmurou, cobrindo o rosto com as mãos.

Mrs. Slade esperou com nervosismo por outra palavra ou gesto. Nada aconteceu e, por fim, deixou escapar:

– Estás horrorizada comigo.

Mrs. Ansley deixou tombar as mãos sobre os joelhos. O rosto que descobriram encontrava-se estriado de lágrimas. – Não estava a pensar em ti. Estava a pensar... Foi a única carta que alguma vez recebi dele!

– E fui eu que a escrevi. Sim. Fui eu que a escrevi! Mas a rapariga de quem ele estava noivo era eu. Por acaso lembraste-te disso?

A cabeça de Mrs. Ansley voltou a descair. – Não estou a tentar justificar-me... Eu lembrei-me...

– E, mesmo assim, foste?

– Mesmo assim, fui.

Mrs. Slade manteve-se de pé, a olhar de cima, para a figura pequena e curvada a seu lado. A chama da sua fúria já baixara e pensou porque lhe ocorrera algum dia ser possível obter qualquer satisfação no facto de desferir um golpe tão sem propósito na amiga. Mas tinha que se justificar.

– Tu entendes? Descobri... e odiei-te, odiei-te. Sabia que estavas apaixonada pelo Delphin... e tive medo, medo de ti, do teu jeito tranquilo, da tua doçura... da tua... bem, não te queria a atrapalhar, é tudo. Só por umas semanas. Só até ter a certeza em relação a ele. Assim, numa fúria cega escrevi aquela carta... Não sei porque to estou a contar agora.

– Suponho – disse Mrs. Ansley lentamente – que seja porque nunca deixaste de me odiar.

– Talvez. Ou porque queria aliviar o espírito disto tudo. – Fez uma pausa. – Ainda bem que destruístes a carta. Nunca pensei, claro, que fosses morrer.

Mrs. Ansley remeteu-se ao silêncio e Mrs. Slade, inclinando-se sobre ela, tomou consciência de uma sensação estranha de isolamento, de ser cortada da corrente cálida da comunhão humana.

– Tu achas-me um monstro!

– Não sei... Foi a única carta que recebi e tu dizes que ele não a escreveu.

– Ah, o carinho que ainda lhe tens!

– Eu acarinhava essa recordação – disse Mrs. Ansley. Mrs. Slade continuou a olhar de cima para ela. Parecia fisicamente diminuída pelo golpe... como se, ao levantar-se, o vento pudesse dispersá-la tal como uma nuvem de poeira. Enciumada, Mrs. Slade voltou, de súbito, a pular diante de tal imagem. Durante todos estes anos a mulher vivera daquela carta. Quanto o devia ter amado, para estimar a mera recordação das suas cinzas! A carta do homem de quem a amiga estava noiva. Não seria ela o monstro?

– Fizeste tudo o que te foi possível para o afastar de mim, não foi? Mas falhaste. E fiquei eu com ele. É tudo.

– Sim. É tudo.

– Quem me dera, agora, não to ter contado. Não fazia ideia que era assim tão importante para ti. Pensei que fosses achar divertido. Aconteceu tudo há tanto tempo, como dizes. E tens de me fazer a justiça de te lembrares que eu não tinha qualquer motivo para achar que tu, alguma vez, a levaras a sério. Como podia eu, se casaste com o Horace Ansley dois meses depois? Assim que pudeste sair da cama a tua mãe levou-te à pressa para Florença e casou-te. As pessoas ficaram algo surpreendidas... admiraram-se de ter sido tão rápido. Mas eu achava que sabia. Tinha ideia que o fizeras por despeito... para poderes dizer que te anteciparas ao Delphin e a mim. Os miúdos têm razões tão disparatadas para fazer as coisas mais sérias. E o facto de teres casado tão depressa convenceu-me que nunca tivera, realmente, importância para ti.

– Sim. Imagino que assim seria – assentiu Mrs. Ansley.

Em cima, todo o dourado se escoara dos céus límpidos. O anoitecer espalhou-se sobre eles, escurecendo, abruptamente, as Sete Colinas. Aqui e além, aos pés delas, começaram a cintilar luzes por entre a folhagem. Havia um ir e vir de passos na varanda deserta: empregados espreitando pela porta para o topo das escadas, reaparecendo em seguida com bandejas, guardanapos e garrafas de vinho. Mudaram-se mesas, endireitaram-se cadeiras. Um fio de electricidade fraco faiscou e acendeu-se. Uma senhora corpulenta, envergando um guarda-pó apareceu e perguntou em italiano macarrónico se alguém vira o elástico que prendia o seu roteiro Baedeker a desfazer-se. Tacteu com a bengala debaixo da mesa onde estivera a almoçar, enquanto os empregados ajudavam.

O recanto onde Mrs. Slade e Mrs. Ansley se encontravam sentadas ainda estava sombrio e deserto. Nenhuma delas falou durante muito tempo. Mrs. Slade, por fim, retomou:

– Acho que o fiz mais ou menos por brincadeira ...

– Brincadeira?

– Bem, as raparigas são, por vezes, impiedosas, sabes. Especialmente as raparigas apaixonadas. E lembro-me de rir sozinha toda aquela noite de pensar que estavas por lá à espera no escuro, encolhendo-te para não seres vista, escutando cada ruído, procurando entrar... fiquei aborrecida, claro, quando ouvi dizer que em seguida ficaste tão doente.

Mrs. Ansley permanecera imóvel durante muito tempo. Mas virava-se agora devagar para a companheira.

– Mas eu não esperei. Ele tratara de tudo. Ele estava lá. Deixaram-nos entrar de imediato – disse ela.

Mrs. Slade desfez a sua posição inclinada de um salto. – O Delphin, lá! Deixaram-vos entrar! Ah, agora estás a mentir! – explodiu com violência.

A voz de Mrs. Ansley tornou-se mais clara e encheu-se de surpresa.

– Mas é claro que ele estava lá. Ele foi, naturalmente ...

– Foi? Como sabia ele que te encontraria lá? Estás, com certeza, a delirar!

Mrs. Ansley hesitou, como se reflectisse.

– Mas eu respondi à carta. Disse-lhe que iria lá estar. Por isso ele foi.

Mrs. Slade lançou as mãos à cara.

– Oh, meu Deus... tu respondeste! Nunca pensei que respondesses...

– É estranho que nunca tenhas pensado nisso, se foste tu quem escreveu a carta.

– Sim. Estava cega de fúria.

Mrsd. Ansley enrolou o cachecol de peles em torno de si.

– Está frio, aqui. É melhor irmos... Lamento por ti – disse, ao mesmo tempo que estreitava o pêlo junto à garganta.

As palavras inesperadas sobressaltaram Mrs. Slade.

– Sim, é melhor irmos. – Pegou na carteira e na capa. – Não sei porque hás-de ter pena de mim – murmurou.

Mrs. Ansley estava de pé a olhar para longe, em direcção à massa esbatida do Coliseu, sem ver a amiga.

– Bem... porque não tive que esperar naquela noite. Mrs. Slade solto uma gargalhada inquieta.

– Sim, aí fui batida. Mas suponho que não devo guardar-te qualquer ressentimento. Ao fim destes anos todos. Afinal de comas, eu tive tudo. Tive-o durante vinte e cinco anos. E tu nada tiveste além daquela única carta que ele não escreveu.

Mrs. Ansley ficou mais uma vez em silêncio. Por fim deu um passo em direcção à porta da varanda e virou-se par trás, olhando de frente para a companheira.

– Tive a Barbara – disse, e desatou a caminhar à frente de Mrs. Slade, em direcção às escadas.

Digitalizado de “Contos de Edith Warton”, Lisboa, Relógio D'Água, 2002

Obtenha outros ebooks na secção [Biblioteca](#) do [Esquerda.net](#)